

UM PROGRAMA PARA SURDOS

Ismar Ingber

Televisão ajuda a alfabetizar crianças em língua de sinais, através de brincadeiras

U ALICIA IVANISSEVICH

Um novo programa de televisão, que deixa a exclusividade do público ouvinte para atingir milhares de pessoas mergulhadas no mundo do silêncio, começará a ser veiculado até o final deste mês pela Rede Brasil. Destinado à alfabetização de crianças de dois a sete anos na chamada língua de sinais, *Vendo Vozes* é pioneiro no país: através de brincadeiras, surdos e ouvintes poderão assistir lado a lado a um programa educativo que integra dois universos até então separados pela barreira do som.

O objetivo do programa é oferecer às crianças surdas um espaço lúdico a partir do qual elas se iniciem na comunicação gestual, ao mesmo tempo em que as ouvintes aprendem a língua dos sinais. Com 20 minutos de duração,

Vendo Vozes será dividido em duas partes. No primeiro bloco, três atores surdos — Nelson Pimenta, Kelly D'Ávila e Toribio, de sete anos — e a narradora Tany — a *mudinha* da Xuxa — tentarão ensinar palavras e conceitos aos pré-escolares através de esquetes. No segundo, Tany organizará um *game show*, onde procurará recordar as noções aprendidas no bloco anterior.

“Já foi comprovado que, quando a criança surda adquire a língua de sinais, ela consegue se alfabetizar mais facilmente numa segunda língua, no caso, o português”, destaca a coordenadora do programa, Clélia Regina Ramos. Um vídeo do primeiro programa da série será apresentado hoje na abertura do 2º Congresso Latino-americano de Bilingüismo, no Hotel Copa D'Or.



'Vendo Vozes' é pioneiro no país e será conduzido por Tany (E), a 'mudinha' do antigo programa da Xuxa

Eletrônica é velha aliada

A maioria das pessoas que usam aparelhos auditivos têm problemas neuro-sensoriais. Quando a lesão é profunda, só se tornam audíveis os sons acima de 90 decibéis — limite máximo suportável pelo ouvido normal.

Os aparelhos auditivos nada mais são do que amplificadores do som. “A tecnologia eletrônica cria próteses cada vez mais sofisticadas, que se adaptam ao tipo de perda auditiva”, comenta o otorrinolaringologista Hélio de Abreu. Ele cita os aparelhos intracanal ou intra-auricular (situados dentro do ouvido), os retroauricular (atrás do ouvido), os adaptados às hastes dos óculos e as caixinhas ligadas por fio a um plug, mais usadas por crianças.

Nos Estados Unidos já existe até um dispositivo em forma de relógio, instalado junto à pele, que transforma os sons captados por um amplificador em sinais elétricos e os envia para o cérebro. Mas, além de não existir no Brasil, o equipamento custa caro e só resolve casos específicos.

A cirurgia de implante coclear, inaugurada no Brasil em 1990 pelo otologista Orozimbo Alves Costa e a fonoaudióloga Maria Cecília Bevilacqua, do Hospital de Reabilitação da USP em Bauru, trouxe novas esperanças para uma faixa da população surda. O implante, que consiste na colocação na cóclea de um eletrodo que gera estímulos elétricos no nervo auditivo, conseguiu recuperar paulatinamente a audição de 30% a 40% dos pacientes, que conseguiram até conversar pelo telefone. Mas também essa solução só se aplica a casos específicos.

No início deste ano, pesquisadores americanos da Universidade de Virgínia relataram resultados surpreendentes. Eles conseguiram regenerar em laboratório as células e pêlos acústicos responsáveis pela audição, usando fatores de crescimento. Há quatro meses, outros testes feitos na Faculdade de Medicina Albert Einstein, em Nova Iorque, mostraram que o ácido retinóico regenera, em cobaias, as células danificadas do ouvido interno.

Embora preliminares, essas revelações podem significar, num futuro próximo, esperanças concretas de recuperação da audição para milhares de brasileiros.

Comunicação alternativa

São poucos os programas televisivos que se preocupam em atender essa faixa da população deficiente. Só recentemente é que a língua de sinais começou a ser introduzida em alguns telejornais. “Quase não há alternativas”, desabafa o presidente da Federação Nacional da Educação e Integração dos Surdos (Fenais), Sérgio Marmora de Andrade, surdo de nascença. Ele sugere que haja mais programas com legendas, ou traduzidos para a língua de sinais.

Segundo Andrade, há uma pressão por parte da *cultura ouvinte* para que o surdo aprenda a falar, quando, na verdade, a língua de sinais é a mais natural. Como qualquer ser humano, o surdo tem a capacidade inata para adquirir a linguagem, mas sua restrição sensorial dificulta o aprendizado da língua oral. “Infelizmente, a educação da linguagem gestual ainda fica restrita a poucas instituições especializadas”, lamenta.

Privada de um canal sensorial importante, a pessoa surda de nascença pode apresentar um desenvolvimento neurológico, psíquico, emocional e cognitivo normal se estimulada corretamente desde pequena. Boa parte dos

diagnósticos de surdez, entretanto, são feitos tardiamente, quando a mãe percebe que seu bebê demora a falar. Poucos sabem que há vários exames que avaliam a audição dos recém-nascidos que, além de simples e baratos, permitem o diagnóstico precoce da surdez, aumentando as chances de a criança se iniciar com sucesso na comunicação verbal.

No Brasil, há 400 mil pessoas com surdez profunda e 2,1 milhões são portadores de deficiência auditiva. Para esse enorme contingente, entretanto, as opções de educação e informação são poucas e, quando existem, geralmente inadequadas. O acesso à educação especializada pode dar à criança surda condições para se integrar na sociedade e ser, no futuro, um indivíduo economicamente produtivo.

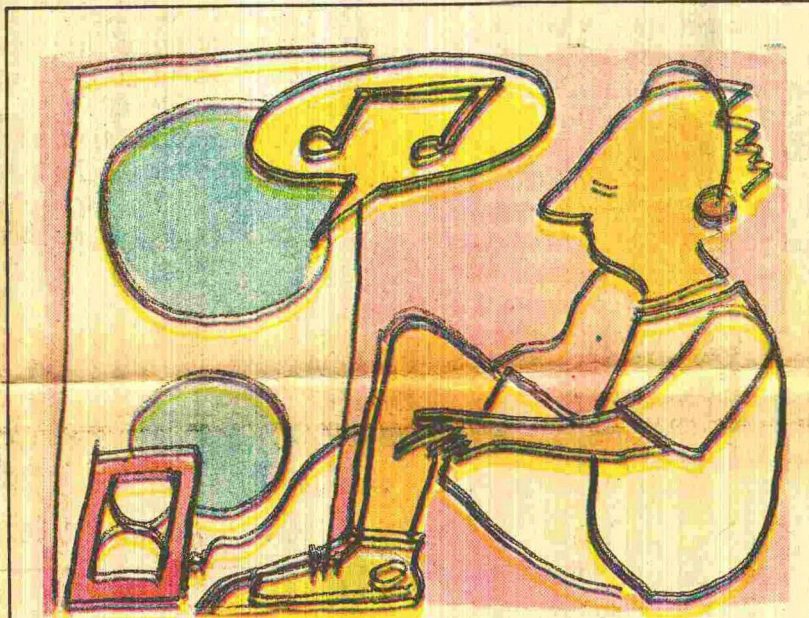
São poucas as empresas que reservam vagas para surdos. Segundo Andrade, há mais de 100 ocupações que podem ser destinadas a portadores de deficiência auditiva. “Os empresários ainda não acreditam no trabalho dos surdos”, lamenta. Mas comemora a assinatura de quatro convênios entre a Fenais e as empresas Pizza Hut, Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, Fundação Lar Escola e Dataprev.

Barulhos da cidade são perigosos

Shows de rock prolongados, motores de caminhão ligados por muito tempo, barulhos intensos e repetidos de máquinas nas fábricas ou até um *walkman* em alto volume podem acabar lesando o nervo auditivo, causando uma perda de audição significativa. A razão é simples: o ouvido humano não suporta ruídos intensos e continuados.

A intensidade de sons que um homem é capaz de ouvir varia de 10 a 140 decibéis. Entretanto, acima de 90 decibéis — limite suportável por oito horas —, a intensidade se torna progressivamente dolorosa. Cada vez que se aumentam 5 decibéis, o tempo de exposição suportável para essa nova intensidade é reduzido à metade. Assim, as pessoas só agüentam por quatro horas um barulho de 95 decibéis, por duas horas um de 100 decibéis e apenas por meia hora um de 110.

Quando a exposição a barulhos de alta intensidade é prolongada — fábricas, trânsito, moradias próximas a aeroportos etc. — o ideal é o uso de protetores ou abafadores de som. Nos casos de traumas sonoros por volume muito alto — *walkman*, shows de música, explosões etc. —, além de perda auditiva, podem aparecer zumbidos, que deixam a



Ruídos comparados

■ sussurro.....	20 decibéis
■ conversação normal.....	50 decibéis
■ ronco.....	até 80 decibéis
■ motor de caminhão.....	80 decibéis
■ avião a jato.....	140 decibéis

Obs. O limite máximo tolerável é de 90 decibéis.

pessoa nervosa, irritada e até deprimida. “As pessoas devem evitar ficar próximas a caixas de som ou outras situações que superem os 115 decibéis”, recomenda Hélio Abreu, “porque a perda neuro-sensorial não se recupera nunca”, justifica.

O médico diz que o ruído urbano

pode provocar uma série de distúrbios orgânicos e alterações emocionais. Ele cita entre os principais problemas a arritmia cardíaca, alteração da pressão arterial, queda do desempenho físico e mental, alteração do ritmo respiratório, distúrbios gastro-intestinais, sudorese e alteração do processo de crescimento.

Déficit atinge 8%

Os dados mais recentes do IBGE estimam que 5% a 8% da população tenha algum tipo de déficit de audição. “Há três formas de surdez: a de transmissão sonora, a neuro-sensorial e a mista”, explica o otorrinolaringologista Hélio Fernando de Abreu.

A primeira ocorre quando um distúrbio entre o ouvido externo e o médio impede a transmissão do som. Isso pode acontecer por acúmulo de cera no ouvido, infecção aguda ou crônica (otite média), trauma (pancada ou pressão), perfuração no tímpano ou patologias de origem familiar. O tratamento nesses casos varia de acordo com o problema. Quando a medicação não é suficiente, indica-se uso de prótese ou tratamento cirúrgico.

“A surdez neuro-sensorial aparece quando há lesão direta do ouvido interno — no nervo auditivo ou na parte sensorial”, ensina Abreu. As causas mais comuns no Brasil para esta lesão são as viroses contraídas na gestação, como rubéola, cachumba e sarampo, que afetam o nervo auditivo do feto. A surdez ocorre, ainda, por síndromes genéticas e tumores. A otosclerose coclear também

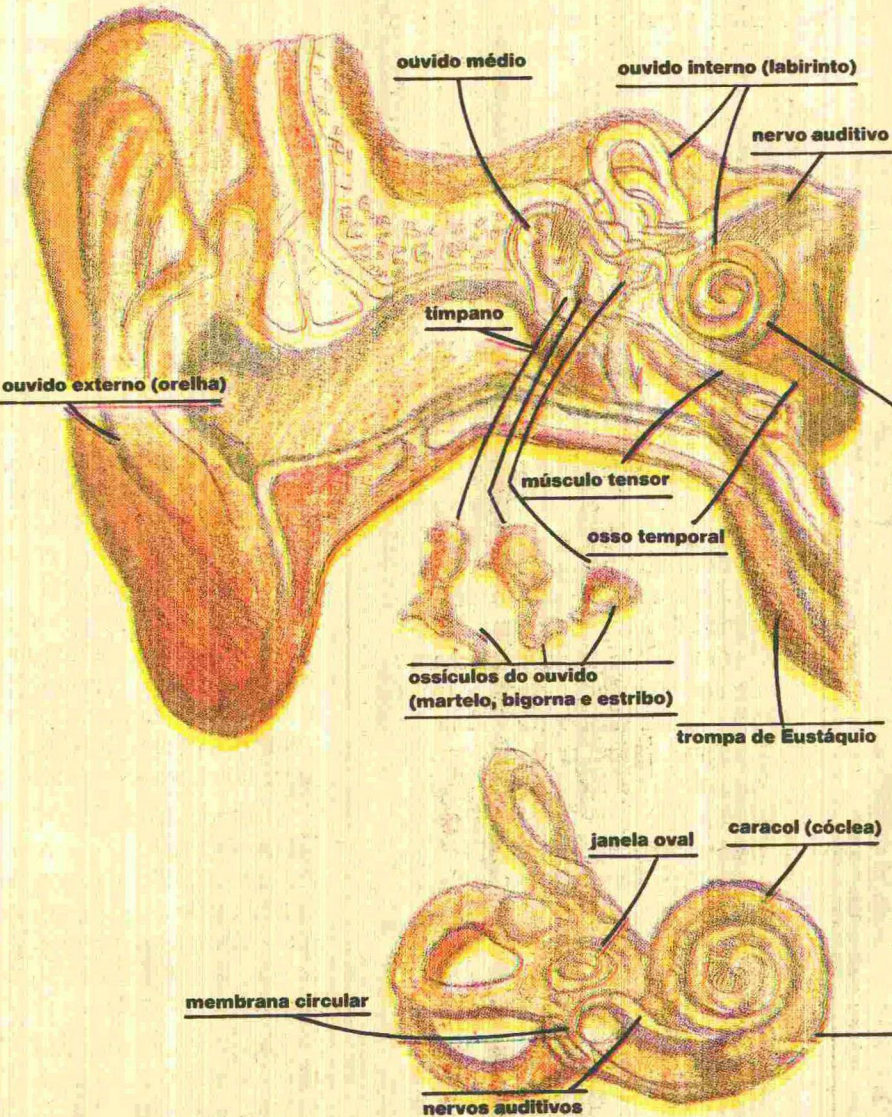
atinge o nervo auditivo. Segundo o médico, o tratamento clínico, à base de fluoreto de sódio, tenta frear o progresso da doença mas não recupera a perda. Alguns medicamentos ototóxicos (que lesam o ouvido) também podem atingir o nervo. “À medida que envelhecem, algumas pessoas vão perdendo a audição”, comenta Abreu. O fenômeno ocorre pelo envelhecimento do ouvido e é mais comum em homens.

Estresse — “Existe ainda a surdez súbita, que aparece quando a pessoa está dormindo. Ela acorda sem conseguir ouvir. O problema não melhora, nem causa aparente”, diz Abreu. Isso ocorre com frequência em pessoas estressadas, que levam vida sedentária e apresentam alterações metabólicas sérias, decorrentes de alimentação desequilibrada.

Alterações vasculares em adultos e icterícia em recém-nascidos, por incompatibilidade de fator Rh, também podem provocar surdez neuro-sensorial. O terceiro tipo de surdez é a mista — quando, além de lesão neuro-sensorial, há problemas no conduto.

A deficiência auditiva é classificada em quatro categorias — leve, moderada, severa e profunda.

Como funciona o ouvido



O ouvido é dividido em três partes: externo, médio e interno.

O externo é a parte visível que chamamos de orelha. É separado do ouvido médio por uma passagem coberta de pêlos que impedem a entrada de partículas estranhas. Ali se alojam as glândulas que secretam a cera, para protegê-lo de organismos estranhos.

Quando as ondas sonoras passam pelo canal auditivo, imprimem uma vibração no tímpano (membrana que vibra como a pele de um tambor) que põe os ossículos (martelo, bigorna e estribo) em movimento.

As trepidações dos ossos são propagadas pelo líquido do ouvido externo, que faz as membranas oscilarem e movimentarem os pêlos acústicos.

As vibrações são convertidas em impulsos nervosos pela espiral (cóclea) que manda a mensagem ao cérebro.

Principais causas

Crianças podem nascer surdas se a mãe:

■ Adquirir uma virose (rubéola, sarampo) durante a gravidez

■ Tiver toxoplasmose ou sífilis na gestação

■ Ingerir medicamentos ototóxicos (que lesam o nervo auditivo) durante a gravidez

■ Enquadrar-se em uma gravidez de alto risco

Uma pessoa pode perder a audição quando:

■ Tem meningite

■ Toma remédios ototóxicos

■ Tem predisposição genética

■ Adquire determinadas viroses

■ Expõe-se a ruídos contínuos e elevados

■ Expõe-se a som impactante (explosão)

■ Sofre um trauma que perfura o tímpano